

SULIDADE E MACONDO: UM ESTUDO COMPARADO DAS CIDADES EM *ESPAÇO TERRESTRE* E *CEM ANOS DE SOLIDÃO*

SULIDADE Y MACONDO: UM ESTUDIO COMPARADO DE LAS CIUDADES EN *ESPAÇO TERRESTRE* Y *CEM ANOS DE SOLIDÃO*

Anderson Felix dos Santos¹

Resumo: O estudo dos temas na Literatura Comparada consiste na análise dos elementos que constituem a obra como fundadores de um imaginário coletivo, servindo como mediador entre a cultura e o texto literário. O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise comparativa dos romances *Espaço Terrestre*, de Gilvan Lemos, e *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel Garcia Márquez, a fim de verificar elementos de semelhança e diferença no que diz respeito à composição das duas obras a partir do tema da construção da cidade. Verifica-se nos romances aqui investigados a cidade como elemento fundador de uma mitologia, baseada na relação entre as personagens e o território.

Palavras-chave: Cidades. Estudos Comparativos. Macondo. Sulidade.

Resumen: El estudio de los temas en Literatura Comparada consiste en el análisis de los elementos que constituyen la obra como fundadores de un imaginario colectivo, sirviendo como mediador entre la cultura y el texto literario. El presente trabajo tiene como objetivo realizar un análisis comparativo de las novelas *Espaço Terrestre*, de Gilvan Lemos y *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez a fin de averiguar elementos de similitud y diferencia en lo que se refiere a la composición de las dos obras a partir del tema de la construcción de la ciudad. Se verifica en las novelas aquí investigadas, la ciudad como elemento fundador de una mitología, basada en la relación entre los personajes y el territorio.

Palavras clave: Cidades. Estudos Comparativos. Macondo. Sulidade.

Introdução

Ao longo da história da literatura um dos temas mais frequentes é a cidade, provavelmente porque a cidade é o organismo vivo da sociedade, refletindo, através de sua organização, ideologias e tipos sociais. O tema da cidade aparece desde os textos mais tradicionais, como a Bíblia, que apresenta o Éden, mas também sendo objeto de reflexão de filósofos, como na Grécia Antiga, com *A República* de Platão; passando por *A Cidade Feliz*, de Francesco Patrizi, bem como na *Utopia*, de Thomas More, *As Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino, dentre outros.

¹ Mestrando em Letras na área de concentração Teoria da Literatura na Universidade Federal de Pernambuco. Licenciado em Letras - Espanhol - pela Universidade de Pernambuco (2017). Atuou como bolsista PIBIC (2016-2017) financiado pelo Cnpq, bolsista PIBID (2014-2016) financiado pela CAPES. É membro do Grupo de Pesquisa CELLUPE, na linha de pesquisa Literatura e Ensino. E-mail: andersonfelixletras@gmail.com

É possível perceber que a cidade geralmente aparece como elemento utópico ou metafórico para conduzir a narrativa por meio da organização da sociedade. Essa representação pode-se observar também nos romances *Espaço Terrestre*, de Gilvan Lemos, e *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel Garcia Márquez, livros sobre os quais esse artigo se deterá. Há ainda nessas obras um caráter encantatório que faz das cidades e sua composição um retiro, onde as personagens podem constituir novas vidas, livres das leis que regem a sociedade exterior, fundando suas próprias comunidades.

Outras comparações poderiam servir de objeto a essa pesquisa – por exemplo, a manifestação do realismo maravilhoso, a presença de eventos naturais, como a chuva de Macondo, eternizada na literatura: “Choveu durante quatro anos, onze meses e dois dias” (MÁRQUEZ, 2014, p. 339) e a seca verídica de 1877, retratada por Gilvan Lemos, ou até mesmo o caráter de crítica e representação política materializadas pelas disputas entre Liberais e Conservadores no romance colombiano ou as diversas batalhas travadas em solo pernambucano nos séculos XIX e XX, retratadas em *Espaço Terrestre*. Porém, objetivando um estudo mais profícuo, partindo das observações anteriores, pretende-se realizar uma análise comparativa dos romances *Espaço Terrestre*, de Gilvan Lemos, e *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel Garcia Márquez, a fim de verificar elementos de semelhança e diferença no que diz respeito à composição das duas obras a partir do tema da construção das cidades.

O enredo do romance de Gilvan Lemos gira em torno de um grupo de pessoas insatisfeitas com a situação de Pernambuco no século XIX, em eminência da Revolução de 1817 pela emancipação e instauração de um regime republicano, tais pessoas decidiram fugir e viver em uma nova cidade, afastada desses acontecimentos. Uma das principais figuras desse êxodo é Albano Nuno Varela, que em Sulidade, cidade recém-criada, perpetua sua estirpe onde, a modo de *Cem Anos de Solidão*, os nomes se mesclam e se confundem: Albano Filho, José Albano, Albano José, José Albano Neto. Esse processo genealógico perpetua também a memória familiar – exclusivamente patriarcal, uma vez que as mães morrem ao dar a luz – que compõe aquele grupo, servindo de elo atávico sobre a cidade, legitimando a permanência desses indivíduos no novo território.

No romance de Gabriel García Márquez essa transmissão de memória e consagração de uma genealogia também ocorre. A família Buendía, com sua sucessão de nomes que também se repetem, e demais companheiros de êxodo fundam a cidade de

Macondo, que será palco para o desenvolvimento das personagens através de uma filiação pela memória.

O estudo dos temas na Literatura Comparada consiste na análise dos elementos que constituem a obra como fundadores de um imaginário coletivo, servindo como mediador entre a cultura – aquilo que acrescenta à natureza – e o texto literário. Verifica-se nos romances aqui investigados, a cidade como elemento fundador de uma mitologia, baseada na relação entre as personagens e o território.

O estudo dos temas na Literatura Comparada

Os métodos comparativos estão no cerne do pensamento humano, que sempre buscou correspondência entre elementos, seja para buscar pontos consonantes e discordantes ou para classificá-los, é empregado nas Ciências da Natureza e nas Ciências Humanas. O desenvolvimento desses estudos está, inclusive, relacionado à democratização da interpretação e da literatura incutidas por Lutero, com o Iluminismo e, mais tarde, pela ascensão de uma filosofia positivista, que descentrava a interpretação feita pelas instituições e provocava uma abertura para democratização da leitura.

Nesse sentido, o professor Joseph Texte (1994) afirma que para concebermos a Literatura Comparada como um estudo eficaz é necessário que o texto represente, de fato, a expressão cultural de uma comunidade, tribo ou nação. O autor descreve:

É preciso que ela possua um caráter nitidamente local, familiar ou nacional e que a totalidade das obras que a constituem apresente um certo número de traços comuns que lhes assegurem uma espécie de unidade moral ou estética. É preciso, em síntese, que ela constitua um gênero bem determinado na grande espécie da literatura da humanidade (TEXTE, 1994, p. 28)

Esse é o caso dos romances *Espaço Terrestre* e *Cem Anos de Solidão*, que captam a unidade cultural de um povo através da fundação das cidades fictícias de Sulidade e Macondo. É a partir das expressões locais de organização da cidade que os enredos desenvolvem-se. De mesmo modo, o autor aponta para uma necessidade de buscar referências e influências entre as literaturas, estabelecendo um liame vivo de correspondências culturais que podem ser objeto de uma análise comparatista. Nesse caso, observa-se não apenas a fundação das cidades imaginadas, como também a

transmissão das memórias da família como princípio atávico nas culturas latino-americanas representadas em ambos romances.

A análise dos temas nas investigações de Literatura Comparada justifica-se, segundo Raymond Trousson (1988), pela necessidade de conhecer os mitos que se desenharam ao longo da história e se perpetuaram na cultura ao longo do tempo, seria, portanto, um modo de conhecer a própria história da humanidade. O tema está intimamente ligado à experiência humana, é a particularização de um motivo, mas que engloba toda a ação da obra. O sentimento utópico universal de lugar ideal que permeia o homem desde a passagem da natureza para cultura – quando o homem passou a interferir no meio e organizar sociedades – se particulariza no tema da fundação das cidades, tendo como um dos primeiros registros na literatura *A República*, de Platão, que propõe uma abordagem filosófica da composição de cidade, valendo-se de uma estrutura literária dialética. Desse modo, observa-se a passagem da universalidade do motivo, a utopia, para o tema, a cidade.

A análise dos temas em Literatura Comparada iniciou-se com a reunião de uma fortuna que compreende os temas nas mais diversas produções literárias, esses compêndios tinham função de dicionário, de modo que a atividade de investigação era consideravelmente limitante, pois excluía elementos orgânicos fundamentais na composição do texto. Partindo desse histórico, Trousson (1988) aponta que esse tipo de trabalho é válido, no entanto, é insuficiente para realizar estudos mais verticalizados, pois se trata, sobretudo, de traçar somente uma linha cronológica da aparição dos diversos temas em um quadro histórico, ignorando suas relações, evoluções e interpretações.

Referindo-se às relações e evoluções dos temas, o pesquisador Antônio Pires (2007), ao discorrer sobre a tematologia em Estudos Comparados, retoma, inclusive, a ideia de palimpsesto, em uma alusão à prática grega de raspar o pergaminho original para escrever uma nova mensagem sobre ele, usando da intertextualidade. Por sua vez, Pérez-Pedrero (2002) argumenta o seguinte:

El tema de una obra literaria se puede expresar en pocos términos porque se trata de una concreción y resumen global del contenido. El tema entonces se puede sintetizar en una o dos palabras, o incluso puede suceder que se reduzca a un nombre propio en aquellos textos literarios en los que dicho nombre contiene en sí mismo una carga suficiente de contenido y es símbolo, entendido como elemento universal y eterno (PÉREZ-PEDRERO, 2002, p. 211).

Basta lembrar-se dos mais frequentes e icônicos temas da literatura: Orpheu e Fausto. No caso dos objetos da presente análise, concretiza o tema dos nomes próprios, os nomes das cidades, que se colocam como centro da narrativa: Macondo e Sulidade. O tema da cidade apareceu ao longo da literatura das mais diversas maneiras, um olhar sobre esse tema em *Espaço Terrestre* e *Cem Anos de Solidão* indica exatamente a transformação desse tema, o romance de Gilvan Lemos atualiza do tema da fundação da cidade para tratar da gênese de uma comunidade atávica que se perpetua sobre um território a partir da transmissão da memória, guardando as distâncias e aproximações com a obra de Garcia Márquez. .

Sulidade e Macondo: um diálogo possível

A gênese das cidades Sulidade e Macondo é diferente, porém as duas partem do princípio da insatisfação com o lugar que ocupavam anteriormente. O grupo que parte do Recife, em *Espaço Terrestre*, vivia o clima pré-revolução de 1817 e não conseguia vislumbrar uma efetiva independência que levasse à melhoria das condições de vida – tanto dos civis como dos escravos – embora esses últimos conservassem a condição de cativos até fugirem de Sulidade para uma comunidade índio-negra vizinha. Sobre Sr. Ramires, personagem que organiza a partida de Recife e logo convence Albano Nunes Varela, o narrador diz:

Havia lido Rosseau, Fourier, Montesquieu, assim meio à superfície, era verdade, mas aprendera alguns rudimentos de suas ideias, qualquer coisa do iluminismo, positivismo, anarquismo... Ora, essas ciências. O que queria mesmo era viver em paz [...] Sua ideia era reunir-se com os patrícios, juntar fundos e meios, ganhar as brenhas, criar no sertão bravio uma espécie de falanstério (LEMOS, 1993, p. 50)

Em *Cem Anos de Solidão*, Macondo é fundada pela impossibilidade de permanência de Aureliano e Úrsula, patriarca e matriarca dos Buendía, em Riohacha. Os demais que partem com eles empreendem o deslocamento, e a consequente criação da cidade, "fascinados pela aventura" (MÁRQUEZ, 2014, p. 30) que, evidentemente, o lugar em que estavam anteriormente não podia lhes proporcionar.

Categorizar Sulidade e Macondo como cidades utópicas é situá-las no conceito da palavra empregado por Thomas More, que, como aponta Teixeira Coelho (1980), deriva de “ou-topos, o não-lugar, lugar nenhum, nenhures” (COELHO, 1980, p. 16), isso corrobora com os procedimentos de fundação das duas cidades aqui analisadas. No romance de More, a ilha situada em um não-lugar é o espaço de construção de uma vida

melhor que no restante dos espaços, igualmente assim empreende-se o êxodo que funda Sulidade e Macondo: a não adequação dos indivíduos na sociedade os move pela busca de um lugar melhor.

No caso da primeira, a inadequação dos indivíduos diante do cenário de batalhas que ocorreriam com a Revolução de 1917, evidenciada ainda mais pela ideia de falanstério que aparece na citação acima, no segundo caso, a impossibilidade de permanecer no lugar que tinha sido palco de um assassinato cometido pelo patriarca Buendía, ainda que em defesa de sua honra, seguido por outros personagens. No romance de Gilvan Lemos isso fica ainda mais evidente em outro momento no qual o narrador conta sobre Sr. Ramires: “Queria distância da civilização que lhe ofereciam capciosamente, queria ele próprio construir a sua civilização” (LEMOS, 1993, p. 57).

É importante destacar como nessas cidades não existe o princípio do Estado como organizador, pelo contrário, os cidadãos escapam do Estado para viver sob as leis de um contrato social que não é escrito, de uma organização feita pelos próprios civis. Não existe, por exemplo, um imperador ou presidente, muito menos divisão por classes. Talvez os únicos símbolos de autoridade que permaneçam seja o cristão, na figura do padre, e dos militares, na figura dos soldados, estes últimos ainda com ressalvas, visto que quando a comuna de soldados invadiu Sulidade, o movimento que houve foi de integração entre eles e os habitantes:

Todas as noites passava a ronda militar, com o fim de recambiar os irresponsáveis desordeiros. Logo os da ronda aderiam à patuscada, e o cordão dos farristas em vez de acabar aumentara. Os rapazes da vila, a princípio enciumados, se juntaram a eles. Aprendiam-lhes as malandrices, os negaceiros mundanos, os gestos desabridos, atualizavam-se (LEMOS, 1993, p. 197)

Quando em Macondo aparece um alcaide designado pelo Governo para gerir o povoado, encontra resistência por parte dos cidadãos, que não estavam dispostos a serem governados pelo Estado, como se comprova pela fala de José Arcádio Buendía na passagem destacada a seguir:

– Neste povoado não mandamos com papéis – falou sem perder a calma. – E para que o senhor fique sabendo de uma vez por todas, não precisamos de nenhum alcaide nem de corregedor nem de nada disso, porque aqui não tem nada para ser corrigido (MÁRQUEZ, 2014, p. 66)

Tanto Albano Nuno Varela, após a morte do Sr. Ramires, quanto José Arcádio Buendía tornam-se líderes do povoado, nenhum deles eleito, uma vez que, pela lógica dessas recém-criadas cidades, não existiria o senso de hierarquia no sentido de liderança,

mas acordados numa espécie de pacto silencioso, por estes terem sido os primeiros. Em *Espaço Terrestre*, comprova-se pelo seguinte excerto: “Não haveria rei, governador, senhor, mandante algum. Em caso de desavenças, se reuniriam e na mesma hora encontrariam a solução que fosse justa e conveniente à comunidade” (LEMOS, 1993, p. 64, 65). No romance de Gabriel García Márquez, o narrador aponta: “No começo, José Arcádio Buendía era uma espécie de patriarca juvenil, que dava instruções para o plantio e conselhos para criar filhos e animais e colaborava com todos, inclusive no trabalho físico, para os avanços da comunidade” (MÁRQUEZ, 2014, p. 15).

Embora o primeiro evento realizado em Sulidade tenha sido uma missa, até mesmo a autoridade religiosa pode ser questionada. Os cidadãos de Sulidade, majoritariamente católicos, reconhecem no Padre Feitosa – que chegou junto com o êxodo e foi um dos fundadores da cidade – certa ordem, porém pouco respeitosa, pois é um sacerdote que mantém sugeridas relações com as beatas, sendo até pai de alguns “afilhados”. Em Macondo, por sua vez, não havendo um membro da Igreja na ocasião de sua fundação, o povoado esteve anos sem um efetivo sacerdote, de modo que os personagens já não precisavam mais dessa autoridade para intermédio entre eles e Deus. Por esse motivo, anos depois, quando o Padre Nicanor Reyna foi convidado para celebrar um casamento, foi recebido com indiferença: “Mas ninguém deu importância a ele. Respondiam que durante muitos anos haviam estado sem padre, cuidado dos assuntos da alma diretamente com Deus, e haviam perdido a malícia do pecado mortal” (MÁRQUEZ, 2014, p. 93).

O referido padre empenhou-se, portanto, na construção de um templo, inconcluso, para o qual exigia um sino magnífico. A imagem do sino também aparece em *Espaço Terrestre*, no qual o sino enorme veio carregado desde Recife, com extrema dificuldade, para ser agregado à primeira igreja de Sulidade, pela dificuldade de instalação – que ocasionou, inclusive, uma morte - ficando anos esquecido. É frequente que cidade se erga em torno de algum monumento que justifique sua criação e a vida cotidiana passe a orbitar nele ou através dele, como por exemplo, os palácios e as igrejas. A localização da igreja é um princípio ideológico: é em volta do monumento que representa a fé em Cristo que a cidade se compõe, sobretudo para os habitantes de Sulidade, que descendem de uma comunidade que guarda forte tradição portuguesa.

As famílias Albano e Buendía são o mais próximo de uma instituição que represente a manutenção da ordem, mas em um aspecto simbólico, de concelho: quando

há algum problema na cidade, recorrem aos patriarcas da família para conduzir a resolução do caso, como, por exemplo, na passagem em que ocorre a primeira morte em Sulidade ou quando Aureliano, antes de partir de Macondo para promover suas rebeliões liberais, “deixa” Macondo nas mãos de Arcádio.

A localização de ambas cidades é indefinida, no caso de Sulidade, o caminho percorrido não foi delimitado nem mesmo pela ordem cronológica, uma vez que o controle do calendário ficou a cargo de Jesuína, que manipulou a contagem a fim de adiar seu casamento. Sabiam que a partida tinha sido em “15 de maio de 1826” (LEMOS, 1993, p. 56), mas não era possível precisar a data que a cidade foi criada. Sobre o local diz-se:

Permaneceriam ali mesmo, lugar agradável, com a vantagem de ficar num sítio meio escondido, protegido, que era, de um lado, por serras e rochedos; do outro, pelo rio maior, que embora não se mostrasse tão caudaloso a ponto de chamar a atenção dos descobridores, aventureiros ou geógrafos, supriria perfeitamente as necessidades da comuna. O que pretendiam, como prioridade, era isolar-se do mundo até então conhecido por eles (LEMOS, 1993, P. 64).

Os fundadores de Macondo, por sua vez, sabiam que caminharam por vinte seis meses até que se assentaram nesse lugar ilhado de toda civilização:

José Arcádio e seus homens, com mulheres e crianças e animais e todo tipo de utensílios domésticos, atravessaram a serra buscando uma saída para o mar, e ao cabo de vinte e seis meses desistiram da aventura e fundaram Macondo para não ter que empreender o caminho de volta (MÁRQUEZ, 2014, p. 17)

No entanto, sobre o isolamento das cidades – de um lado metáfora para a solidão da América Latina, de outro a tentativa de independência até mesmo dos movimentos da Revolução em Recife – pode-se dizer que é relativo. Em Sulidade, a distância do restante da civilização era quase que total, mas ainda assim alguns personagens deixaram a cidade e voltaram em seguida, como foi o caso de José Albano, que, quando retorna, traz uma esposa. De igual modo dá-se em Macondo, que de tempos em tempos era invadida por ciganos que traziam as inovações e progressos da ciência do mundo todo, em que até mesmo Úrsula e o filho passaram um tempo peregrinando com eles.

A ideia de progresso é frequentemente referida. Em Sulidade é o progresso que inicia o processo de derrocada da cidade, quando a “descobrem”, o povoado é invadido por repórteres e agentes políticos com um discurso de integração, delimitando terras, impondo leis e fazendo com que a cidade passe a ser tutelada pelo Estado. Em Macondo, isso ocorre por meio de estrangeiros, sobretudo ciganos, com aparatos científicos ou artísticos desconhecidos. Os cidadãos absorviam de maneira diferente esses avanços

tecnológicos, em Sulidade, por exemplo, o cinema foi recebido com entusiasmo e alegria, já em Macondo, as personagens, depois de sentirem-se traídas por viverem tão intensamente um enredo fingido, não sentiram mais nenhuma vontade de acompanhar aqueles dramas fictícios uma vez que tinham suas próprias vidas para cuidar.

Sulidade foi contaminada pelo suposto progresso, pelo avanço científico e a crescente integração entre uma sociedade externa e a fundada na cidade fictícia, deixando de existir como um não-lugar, integrada, a sociedade Sulidade deixava de ser um projeto utópico. Nesse caso, lembrar ou constatar a existência da cidade foi o início de seu fim. Macondo viveu, depois de mais de cem anos, a sua derrocada no tórrido da solidão, com seus habitantes indo embora ou morrendo, de modo que a história da cidade foi esquecida, desfazendo assim o elo atávico de consagração daquela terra como território. O vento profético a arrasou, após a decifração do pergaminho mítico que profetizava o fim da estirpe condenada a cem anos de solidão é o vento do desterro.

Considerações finais

A tematologia apresenta-se como instrumento para compreender a riqueza e fornecer subsídios para uma análise vertical das obras, a fim de estudá-las organicamente por permitir correspondência com outras áreas do conhecimento. O tema é, de fato, fio condutor das narrativas e, por consequência, da história do homem com a literatura.

A cidade, um dos temas mais frequentes na literatura, desafia a natureza justamente porque é cultura, ou seja, aquilo que acrescenta à natura. O homem fixa residência e trabalho em determinado local, alterando sua geografia, delimitando aquele como seu espaço na terra e assim reorganiza sua vida social e cultural. Sulidade e Macondo representam a consagração atávica das personagens sobre as cidades, como membros que modificam e são modificados por elas.

Retomando Texte (1994), se tema é a particularização do motivo, com uma expressão efetiva na literatura, pode-se dizer que a própria Macondo tornou-se um tema, influenciando obras que tratam da fundação de cidades permeadas pelo caráter utópico e mágico que foram escritas depois de sua publicação, como é o caso de Sulidade, que apresenta uma clara influência da cidade imaginada colombiana.

Ambas cidades são fundadas a partir da busca por um não-lugar, um espaço onde poderia ser organizada uma nova composição de cidade, livres das leis vigentes. Nos dois casos, constata-se o declínio das cidades por meio da aniquilação do elo que fixava as personagens no local e pela integração social pela qual elas passam, de modo que deixam

de serem cidades isoladas e começam a sofrer e exercer influências de sociedades externas ao cosmos criado nessas cidades.

Referências

- COELHO, Teixeira. *O que é utopia*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. *Cem anos de solidão*. São Paulo: Record, 2014.
- PÉREZ-PEDRERO, S. Gil Albarellos. Literatura comparada y tematólogía. *Exemplaria Revista de Literatura Comparada*. Huelva, v. 6, p. 209-230, 2002.
- PIRES, A. D. Lugares-comuns da lírica, ontem e hoje. *Linguagem Estudos e Pesquisas*. V. 10-1, 2007.
- LEMO, Gilvan. *Espaço terrestre*. 1ª edição. Recife: Civilização Brasileira, 1993.
- TEXTE, Joseph. Os estudos de literatura comparada no estrangeiro e na França. In: COUTINHO, Eduardo F., CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. Textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- TROUSSON, Raymond. Temas e Mitos. *Questões de método*. Lisboa: Horizonte Universitário, 1988.

Artigo recebido em: 12/08/18
Artigo aceito em: 20/09/18